

Reportagem de R. Magalhães Júnior

*Ivete Vargas, caso único em nossa história: em três eleições quadruplicou o número de seus votos.*

# O ELEITORADO PREFERE AS SOLTEIRAS

**h**á um quarto de século inauguravam-se as atividades da Assembléia Nacional Constituinte, convocada depois da revolução de 1930. Surgiam, de vários recantos do País, caras novas, em quantidades. E então, pela primeira vez na história brasileira, duas senhoras tomavam assento entre os representantes da Nação: as Dras. Berta Lutz, eleita no Distrito Federal, e Carlota Pereira de Queirós, eleita por São Paulo. O voto feminino, adotado em 1929 no pequeno Estado do Rio Grande do Norte, fôra estendido a todo o País pela revolução. As duas constituintes despertaram vivo interesse entre os jornalistas. Foram muito fotografadas e entrevistadas. Não era para menos, sendo elas a grande novidade do novo corpo legislativo. Surgiram trocadilhos com os nomes de ambas. E a Imprensa Nacional teve de tomar medidas drásticas contra um linotipista implicante, que sistematicamente atribuía os discursos e apartes da deputada paulista à Dra. Cartola Pereira de Queirós...

Em 1937, veio o golpe de 10 de novembro. Foram-se as primeiras deputadas brasileiras. Com a reconstitucionalização, em 1946, não voltaram à tona da política. E a nova Assembléia Constituinte não teve a presença de uma única mulher. Nenhuma venceu. Só nas eleições estaduais e nas do Distrito Federal, para vereador, venceram algumas candidaturas femininas. Pertenciam então





à bancada de imprensa uma jovem jornalista que começara a carreira escrevendo no Rio num órgão de pequena circulação e passara, depois, a auxiliar a reportagem política das "Fôlhas", de São Paulo. Era admiradora dos predicados intelectuais de Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho, embora detestasse a UDN. Viva, inteligente, sempre a sorrir — pretexto para mostrar os lindos dentes —, um dia disse a um grupo de colegas:

— No ano vindouro, não me sentarei mais entre vocês, aqui na bancada de imprensa. Vou me sentar lá do outro lado, entre os deputados... Estou acertando a minha candidatura com o PTB. Venho por São Paulo...

Alguns sorriram ceticamente de sua autoconfiança, que parecia excessiva. Mas a moça, que se chamava Ivete Vargas Tatsch, realmente concertara a sua candidatura. Fizera uma viagem a São Paulo, dera entrevistas, lançara um breve manifesto e, realizadas as eleições, recebia um diploma de deputado. Tivera 18.607 votos, quase sem esforço! O nome de Vargas — nome mágico — operara o milagre. Dizia-se, na ocasião, que até o cantor mexicano Pedro Vargas, se estivesse então no Brasil, teria sido eleito, por força do prestígio do ex-ditador...

A verdade, porém, é que Ivete Vargas, que era solteira e solteira continua, revelou-se personalidade política com relêvo próprio. É simpática, desembaraçada, sem sombra de timidez, armando e desarmando esquemas partidários, envolvendo-se no PTB em lutas intra e extramuros, impondo combinações. Tem um jeito de falar com os deputados e senadores pondo-lhes a mão no ombro, com uma naturalidade que os desarma, e cria uma atmosfera de camaradagem, mesmo quando se trata de adversários. Na segunda eleição, teve o triplo da votação anterior: 48.282 votos. Na terceira, quase o dôbro da segunda: 78.063. É a mulher que maior número de votos conseguiu até hoje no Brasil. É um dos deputados mais votados de São Paulo e do Brasil. Tem, assim, ampla possibilidade de vir a ser a primeira mulher a conquistar uma cadeira no Senado da República. Tudo depende de alcançar (e querer confessar) a idade constitucional para candidatar-se à Câmara Alta. 35 anos... A Bahia já deu uma deputada: Nita Costa. Figura discreta, não se reelegeu.

Se Ivete Vargas tem uma cadeira cativa na Câmara dos Deputados, como demonstra sua crescente votação, Conceição Neves também tem a sua, na Assembléia Legislativa de São Paulo. Antiga intérprete do nosso teatro de comédia, foi "estrêla", durante alguns anos, da Companhia Procópio Ferreira, com o nome de Regina Maura. Era bonita, elegante e popular. Tão popular que a coroaram "Rainhas das Atrizes", no Teatro João Caetano, num dos concursos anuais em benefício da Casa dos Artistas. Casou-se com um médico, em São Paulo, retirando-se do teatro. Realizou ali uma grande campanha em favor da reabilitação dos hansenianos, e essa ação social desinteressada deu-lhe em São Paulo tal popularidade que, ao reconstitucionalizar-se o País, vários par-

tidos buscaram o seu apoio, oferecendo-lhe legenda para que se candidatasse. Elegu-se deputado estadual com 12.119 votos. Na segunda eleição, caiu para 10.905. Na terceira, subiu para 11.485. Do PTB, passou, recentemente, para o PSD. Desquitada, deixou de usar o nome anterior, Conceição da Costa Neves. No último pleito, teve 10.967 votos. Tem uma posição estável na política paulista. As oscilações são mínimas.

Na mesma ocasião, várias mulheres triunfaram nas eleições cariocas. Algumas, comunistas, entre as quais sobressaía Arcelina Mochel, tiveram os mandatos cassados. Mercedes Dantas chegou a exercer uma suplência e desapareceu. Saigramor de Scuvero, no PTB, elegu-se por três vezes e saiu da política espontaneamente, sem uma derrota. Com 3.474 votos, a professora Sandra Cavalcânti exerceu um mandato e desencantou-se da política. Mas Lígia Lessa Bastos repete no Rio o caso de Conceição Neves em São Paulo. No primeiro pleito, teve modesta votação: No segundo, subiu para 9.459. No terceiro, para 11.069. No último, caiu para 8.687. Vários candidatos têm tentado em vão empurrá-la para a Câmara Federal. Mas a Lígia é prudente, quer jogar na certa, não deixa o certo pelo duvidoso.

## POUCAS MULHERES TÊM TRIUNFADO NA POLÍTICA

Se vierem as eleições para a Constituinte da Guanabara, ela entrará no páreo sem temor. Sabe que o eleitorado firme com que conta lhe dará a cadeira que ocupa há já treze anos.

Lígia, professora municipal, é solteira. E tem como colegas atualmente duas outras mulheres, também solteiras. Dulce Magalhães e Velinda Fonseca, ambas no segundo mandato. Dulce foi eleita pela primeira vez em 1954, com 2.694 votos. Em 1958, conseguiu obter 3.257. Velinda, que era suplente do PTB, com 3.801 votos, exerceu o mandato por morte de um dos vereadores petebistas, na legislatura 1954-1958, e se elegeu, no ano passado, com 5.762 votos. Estas serão, também, sem a menor dúvida, candidatas a deputado, quando vierem as eleições para Assembléia Constituinte do Estado da Guanabara. E talvez consigam se eleger se até lá o eleitorado continuar a preferir as solteiras...